



Arte-Educação e Aspectos históricos da Arte

José Glaucio Ferreira de Figueiredo¹ ; Daniel González González²

Resumo: A Arte como tema transversal nas escolas, representa numa grande conquista de movimentos organizados, movimentos esses que constantemente trocam experiências e buscam através de pesquisas, aprimorarem a Arte-educação e comprovar suas consequências positivas no processo educacional. Este artigo discute o ensino de Artes enquanto tema de pesquisa, e enquanto campo de conhecimento. O objetivo é cada vez mais estruturar esta disciplina, mostrando sua relação com a evolução humana, clarificando seu papel neste processo. Conclui-se que a arte dentro do processo educacional é um tema importante que está relacionada com a construção do cidadão, a compreensão da natureza e, a compreensão da própria existência humana.

Palavras-chave: Arte, Arte-educação, Histórico da arte.

Art-Education and Historical Aspects of Art

Abstract: Art as a transversal theme in schools represents a great achievement of organized movements, movements that constantly exchange experiences and seek through research, improve Art-education and prove its positive consequences in the educational process. This article discusses the teaching of Arts as a research theme, and as a field of knowledge. The objective is increasingly to structure this discipline, showing its relation with human evolution, clarifying its role in this process. It is concluded that art within the educational process is an important theme that is related to the construction of the citizen, the understanding of nature and the understanding of human existence itself.

Keywords: Art, Art-education, Art history.

Introdução

Ao buscarmos o conceito clássico nos diversos dicionários, encontramos que **Arte** tem origem do latim **ars** (técnica e/ou habilidade), compreendida como uma atividade essencialmente humana, ligada a estética ou comunicação, tendo como funções primárias a percepção, a emoção e a produção de ideias que estimulando certas instâncias da consciência, produzem obras originais e em linguagens diferentes (TABOSA, 2005). Esse conceito estabelece certas características, mas não suficiente para delimitar por que algo é Arte e outro por que não é Arte.

¹ Doctorado en Ciencias de la Educación da Facultad de Ciencias Humanísticas y de la Comunicación - Universidad Autónoma de Asunción – Paraguay. joelsonmiguel@hotmail.com;

² Orientador da Universidad Autónoma de Asunción – Paraguay.

Encontramos na Antiguidade clássica, a Arte era um termo empregado em qualquer atividade que envolvesse uma habilidade especial: habilidade para construir um barco, para comandar um exército, para convencer o público em um discurso, em suma, qualquer atividade que se baseasse em regras definidas e que fosse sujeita a um aprendizado e desenvolvimento técnico (AZEVEDO JÚNIOR, 2007).

Em contraste, a poesia, por exemplo, não era vista como Arte, pois era considerada fruto de uma inspiração. Segundo Platão Arte seria a capacidade de fazer coisas de modo inteligente através de um aprendizado, sendo um reflexo da capacidade criadora do ser humano; Aristóteles a definiu como uma disposição de produzir coisas de forma racional, e Quintiliano a entendia como aquilo que era baseado em um método e em uma ordem. Já Cassiodoro destacou seu aspecto produtivo e ordenado, assinalando três funções para ela: ensinar, comover e agradar ou dar prazer. Foi no período do Renascimento que houve uma nova denominação da Arte, separando-se os ofícios produtivos e as ciências das artes propriamente ditas, incluindo-se a poesia no domínio artístico (FISCHER, 1983).

Posteriormente, foi empregado o termo “estética” como associação direta com a Arte, tendo variado a função e o campo do conhecimento.

Segundo Galimberti (2003)

Estética é composição do dado e daquilo que o transcende, mas para que uma inteligência possa transcender é necessário que uma paixão a dirija. E cultivar uma paixão, movendo as delicadíssimas teclas da sensibilidade, é tarefa tipicamente estética e ao mesmo tempo religiosa. O que se cria é a harmonia que emana da composição de uma laceração, algo que também Kant, a pesar de atento às exigências da razão matemática, soube indicar como configuração do *belo*, ou melhor, do *sublime*. (pág. 194).

Arte enquanto atividade curricular nas escolas brasileiras

A Arte nas escolas implica numa grande conquista de movimentos organizados, movimentos esses que constantemente trocam experiências e buscam através de pesquisas, aprimorarem a Arte-educação e comprovar suas consequências positivas no processo educacional como um todo. Algumas questões ainda precisam de aprofundamentos para uma melhor referência teórica e metodológica do tema, possibilitando a abertura de novos estudos científicos nos diversos campos inter-relacionados com as atividades artísticas, como a Neurociência, a Psicologia, a Pedagogia, a Sociologia e outras áreas do conhecimento humano que estão direta ou indiretamente relacionados com esta atividade. Elementos como a definição

de Arte, Artista e obra de Arte ainda são conceitos abertos, pois só poderão ser melhores estruturados, se busca compreender o processo de desenvolvimentos da capacidade de raciocínio do ser humano e como a Arte que estava presente desde o início da civilização, contribuiu na evolução da criatividade que destacou o ser humano dentre os outros animais.

Para abordar o ensino de Artes enquanto tema de pesquisa, é preciso compreender a Arte enquanto campo de conhecimento e buscar sua estruturação desde seu nascedouro, tentar compreender sua relação com a evolução humana e seu papel neste processo. Sabe-se que as atividades artísticas permeiam a humanidade desde o início de sua história, este fato incita uma pesquisa mais profunda da correlação entre Arte e desenvolvimento humano, trazendo ao presente o uso devido da Arte na sua função de potencializar o ser humano na sua trilha evolutiva através de suas características como a criatividade, cognição e ações construtivas.

Várias são as definições de Arte, algumas abrangentes e multifacetadas, definida como um conjunto de preceitos para a perfeita execução de qualquer coisa, artifício, ofício, profissão; indústria; astúcia; habilidade; travessura; magia; feitiçaria; ainda como um complexo de regras e processos para a produção de um efeito estético determinado (BUENO, 1986). Demonstrando desta forma o uso popular atribuído a ações diferenciadas.

Alguns momentos na história da humanidade foram mais relevantes por demonstrarem maiores avanços no conhecimento humano, e progressos técnicos que provocaram uma constante reorganização social. Constatam-se através estudos diversos que essa dinâmica na expansão do conhecimento esteve sempre atrelada à expansão da Arte, também evoluindo em novas linguagens e aprimoramentos técnicos.

O fato das expressões artísticas renunciarem a existência da ação da humanidade, desprovida de qualquer outra linguagem conceitual, dificulta que se tome qualquer definição de Arte como abrangente e conclusiva, e que possa descrever essa atividade em todo seu percurso histórico. Uma constatação possível é que o desenvolvimento das formas, linguagens e complexidade das representações artísticas, ocorre em paralelo com a evolução do próprio raciocínio humano com o domínio da natureza e as novas formas de expressão e comunicação que expandiram e tornaram mais estruturadas as relações sociais.

Arte é a primeira manifestação registrada da atividade humana, ao buscar sua configuração histórica, pode-se recuar com segurança a cerca de 50 mil anos, quando surgem os artefatos considerados artísticos pelos arqueólogos, no início do período Paleolítico Superior. Esta época, considerada o despertar do ser humano, representa o momento no qual o homem demonstra a sua capacidade cognitiva de trabalhar com símbolos, o registro de sua habilidade

absoluta de produzir cultura, fato preponderante para caracterizar a ruptura com os outros animais e a transformação do meio ambiente em função de suas necessidades.

A definição e vivência da Arte são concomitantes às características de cada cultura, sendo moldadas segundo suas manifestações e compreendidas no campo das suas inter-relações sociais. Definir o que, e a partir de quando pode-se considerar algo como manifestação artística, requer o reconhecimento de algumas características que possam ser usadas na conceituação de um objeto de Arte. Ao buscar compreender a trajetória das manifestações que são aceitas como artísticas, pode-se traçar um perfil mais claro do que seja Arte. Desta forma deve-se compreender o espaço que a Arte ocupa em cada cultura e sua relevância enquanto campo de conhecimento na estrutura educacional.

Em sua dissertação, Cury (2007) traz as informações importantes para reflexão quanto ao conceito de Arte, do ponto de vista dos arqueólogos, para a inclusão de algum artefato na categoria arte, este deve ser uma representação figurativa ou indique pertencer a um código simbólico, por exemplo, pela repetição dos mesmos motivos.

A fase mais inicial do Paleolítico Superior oferece um vasto panorama de exemplos dos dois casos. Vários sítios foram explorados na Ásia, na Europa e na África, permitindo uma visão amplificada do possível significado da arte para o desenvolvimento do ser humano. Randall White (apud. CURY, 2007), arqueólogo especialista no estudo da arte portátil (do tipo que se encontra no solo) do Paleolítico Superior, sugere que a dificuldade em definir o que é arte tem sido um sério impedimento para explicar sua origem. Dentre as várias pesquisas que já realizou encontra-se um estudo detalhado no sítio de La Souquette, no sudoeste da França. Neste local foram encontradas peças consideradas ornamentos pessoais; são contas de marfim que foram gravadas imitando conchas do mar. Após extenso levantamento da distribuição desses itens por toda Europa, e pesquisa demonstrando o tempo e o esforço extraordinários para que cada conta de marfim fosse manufaturada (cerca de três horas cada), White enfatiza que deveríamos conceber essas contas como objetos de arte, em vez de banalizá-las chamando-as de simples objetos decorativos (CURY, 2007). Essas conchas e outros ornamentos ou objetos de arte portáteis são tão simbólicos quanto os rinocerontes de carvão vegetal, desenhados pelos artistas aurignacianos do início do Paleolítico Superior nas paredes da caverna de Chauvet, ou do bisão multicolor pintado pelos magdalenianos no final do Paleolítico, no teto de Altamira.

Segundo a revista *Veja*, um estudo publicado em maio de 2012, na revista *Science*, traz informações sobre as pinturas rupestres mais antigas já identificadas, feitas há mais de 40.000 anos, possivelmente por neandertais. A pesquisa foi feita com 50 pinturas em 11 cavernas no

Norte da Espanha. Até o momento, as pinturas encontradas na caverna de Chauvet, no Sul da França, eram as mais antigas: **em estudo recente publicado** indica que elas foram feitas entre 28.000 e 40.000 anos atrás.



Figura 1- Pintura de mãos

Fonte: <http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/neandertais-podem-ter-sido-os-primeiros-artistas-rupestres>

Essa pintura representando mãos, encontrada na caverna de El Castillo, data de mais de 40.800 anos atrás, o que faz dela a arte rupestre mais antiga da Europa, segundo a equipe de pesquisadores (Pedro Saura/AFP). Pode-se inferir o quanto a representação de uma realidade (a mão) criando outra realidade (a pintura da mão na parede da caverna), causou a mudança de percepção, tanto no autor da ação, quanto aos expectadores (GONZÁLEZ SANZ, e CACHO TOCA, SD). A capacidade de criar realidades à partir de representações, provavelmente, induziu o cérebro a reestruturações neurais complexas para a adaptação à esta nova potencialidade de conviver com realidades criadas pelo homem, possibilitando o desenvolvimento mental suficiente para raciocínios mais complexos no campo das representações, abrindo um novo processo representacional e comunicacional que influíram em outros campos do raciocínio e contribuindo com o processo evolutivo da humanidade.

Um exemplo dessa evolução representacional complexa é a pintura do bisonte, que apresenta uma complexidade muito maior e uma ação agregada à imagem, demonstrando o caráter social, cultural, comunicacional e habilidade técnica, impressionando aos observadores contemporâneos pelo tamanho, pelo volume e pelo realismo.

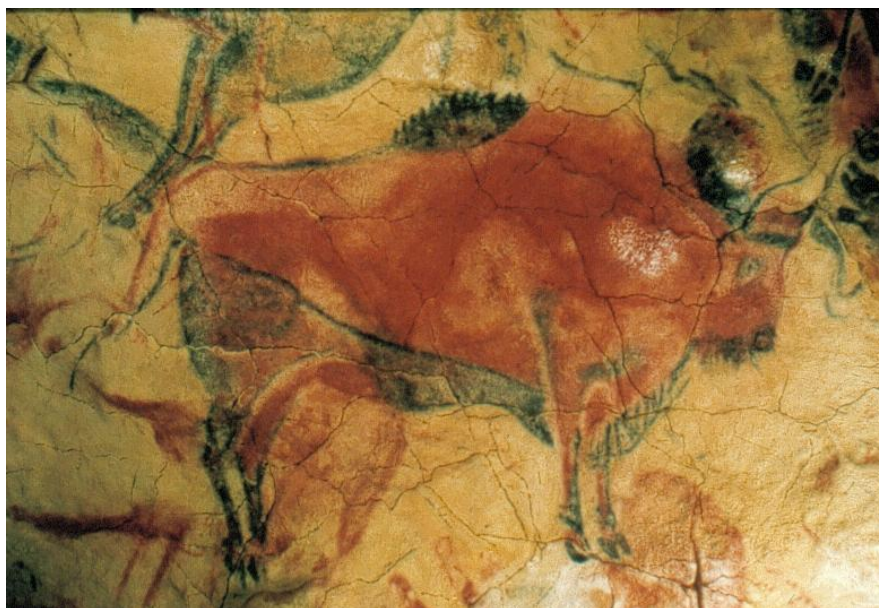


Figura 2- Bisão recostado (detalhe do teto da sala), Altamira, Cantábria.
Fonte: <http://www.carlamaryoliveira.pro.br/altamira.html>

Em algumas áreas, pontos vitais do animal foram marcados por flechas (área do pescoço), o que demonstra o uso da pintura como forma de simbolizar uma atividade prática e racional, provavelmente o “ensino da caça”, utilizando processos cognitivos simbólicos. Sobre esses processos Cury (2007, p. 137) traz a seguinte constatação:

Com a utilização dos processos cognitivos simbólicos, o ser humano habilita-se a produzir arte. Portanto, podemos sugerir que a arte, é um fenômeno cultural produzido e reconhecido através do sistema cognitivo do ser humano. Esse sistema provavelmente teve sua evolução neurofisiológica com o desenvolvimento do córtex pré-frontal e uma crescente elaboração de nossos circuitos neurais, indispensáveis para que o Homo sapiens sapiens apresentasse a capacidade de formular e executar os comportamentos expressos no decorrer do despertar cultural (CURY, 2007).

Essa etapa histórica da humanidade apresenta um avanço importante nas condições de transformação de elementos da natureza, a produção de ferramentas que possibilitam uma melhor adequação no campo da caça e nas atividades rotineiras de sobrevivência, a exemplo a produção de ferramentas mais especializadas nas quais a forma e o tipo de pedra são adequados à tarefa a ser realizada; o aparecimento de sofisticadas formas de representação artística, variando de estatuetas às pinturas nas cavernas de Chauvet, na França (UNESCO, 2012; CLOTES, 2013); uma explosão nos artigos cuja função é decorativa ou ornamental como os dentes, os escudos, os pingentes perfurados e as primeiras evidências de sepultamento de indivíduos com objetos depositados em seus túmulos.

Além das pinturas, esculturas e artefatos ritualísticos, há ocorrência de registros que constata a prática de outras atividades artísticas, a exemplo da música e dança, isso demonstra que a Arte já existia em diferentes linguagens, um exemplo é a descoberta recente de uma flauta de osso de pássaro, possivelmente com 35 mil anos, descoberta em caverna de Hohle Fels – Alemanha (LEWIS-WILLIAMS, 2009). Os processos complexos mentais são inter-relacionados, atividades consideradas como artísticas ocorrem em consonância com práticas de sobrevivência, através da criação de instrumentos que auxiliam na caça, no tratamento dos produtos para vestimentas e utensílios domésticos. A criação de novas coisas permitem a percepção de novas realidades, e um avanço nos processos mentais que foram determinantes para a formação de seres mais adaptados para a sobrevivência e para intervir na natureza com proveitos cada vez maiores.



Figura 3- Flauta de osso de pássaro

Fonte:<http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI3842000EI238,00Flauta+prehistorica+e+mais+antigo+instrumento+musical.html>

O conjunto de avanços, representados nas habilidades marcantes desta fase evolutiva da espécie humana, definidos como o despertar cultural, tem como fato determinante a aquisição de processos cognitivos simbólicos, elementos constitutivos da expressão artística. Esses processos naturalmente só existem a partir de um encéfalo suficientemente desenvolvido, capaz de dar suporte neurológico a esses comportamentos. Segundo Ian Tattersal (2006), curador da divisão de antropologia do Museu Americano de História Natural, em Nova York:

Esses processos cognitivos simbólicos referem-se à habilidade de abstrair elementos da experiência e representá-los com símbolos mentais individuais, como elementos distintos. Ao separar os elementos dessa forma, os seres humanos são capazes de recriar constantemente na mente o mundo e aspectos individuais dele. E o que torna isso possível é a habilidade de formar e manipular símbolos mentais correspondentes aos elementos que percebemos dentro e fora de nós mesmos. Membros de outras espécies em geral apresentam níveis altos de raciocínio intuitivo, reagindo a estímulos do ambiente de forma um tanto complexa, mas apenas os seres humanos são capazes de combinar e recombinar símbolos mentais de forma arbitrária e fazer questões como “E se?”. É a habilidade de fazer isso, acima de todo o resto, que constitui a base de nossa propalada criatividade (p. 72).

O domínio e a transformação dos elementos da natureza, criando e recriando realidades através da representação, propicia melhores condições de interação com o meio, aprimora as funções cerebrais ampliando o desenvolvimento da capacidade de formulação de deduções e articulações mentais complexas, que se refletem nos avanços constantes das organizações sociais e seus instrumentos de sobrevivência.

Arte enquanto elemento essencial para o desenvolvimento da humanidade é um fato, e sua participação no impulso do desenvolvimento mental é hoje um argumento sustentado cientificamente, para Vygotsky (1999):

É precisamente na arte que se realiza para nós aquela parte da nossa vida que surge realmente em forma de excitações do sistema nervoso mas permanece irrealizada na atividade, graças ao que o nosso sistema nervoso recebe em volume de excitações superior àquele a que pode reagir. (...) Se esse excedente não encontra a devida vazão ele costuma entrar em conflito com o psiquismo do homem (...) Assim... a arte constitui um mecanismo biológico permanente e necessário de superação de excitações não realizadas na vida e é um acompanhante absolutamente inevitável da existência humana nessa ou naquela forma (p. 338).

Na sequência histórica, existem outros registros importantes das atividades artísticas, em paralelo com os avanços da civilização, nas regiões do Egito, Mesopotâmia e Creta. No Egito esses registros são mais evidentes no legado do faraó Menés (cerca de 3.300 a. C.) que unificou o país e fundou as dinastias faraônicas. Nesse período existem qualidades que caracterizaram os artistas egípcios, no sentido de liberdade na observação aplicada aos homens e aos animais que os diferencia dos primitivos, as suas obras têm (provavelmente) um valor mágico ou ritual, sendo esta característica subordinada ao prazer de representar os seres no seu natural, e não como esquemas. Para eles, este desenho é verdadeiramente uma escrita, porque dispõe já, para transmitir o pensamento, dos hieróglifos, modo de expressão ao mesmo tempo figurativo e fonético. Dever-se-á pensar que os hieróglifos fizeram deles desenhadores, graças a uma prática constante em suas expressões simbólicas. Destacaram-se também como evolução cultural, as grandes construções, em especial as pirâmides e as esculturas que representavam os deuses e faraós em suas diversas atividades.



Figura 4- Arte Egípcia

Fonte: <http://www.brasilecola.com/historiag/arte-egipcia.htm>

Na Mesopotâmia destaca-se o período súmero-akkadiano, ocorrido nos países de Súmer e de Akkad (mais tarde chamado de Babilônia) berço de uma civilização muito adiantada onde se conhece a escrita cuneiforme, proveniente, como os hieróglifos, de uma representação pictográfica, mas que tomou muito depressa o caráter abstrato. Destacam-se os túmulos reais de Ur, cujo descobrimento, em 1926-1927, causou uma pequena revolução entre os arqueólogos, pertencem a uma dinastia anterior ao ano 3.000. Entre preciosos artefatos e joias, ricamente trabalhados, chama a atenção um painel denominado “o estandarte”, com incrustações de nácar no betume, onde aparecem cenas preciosíssimas para o conhecimento do vestuário, das armas, dos carros, dos costumes dessas populações.

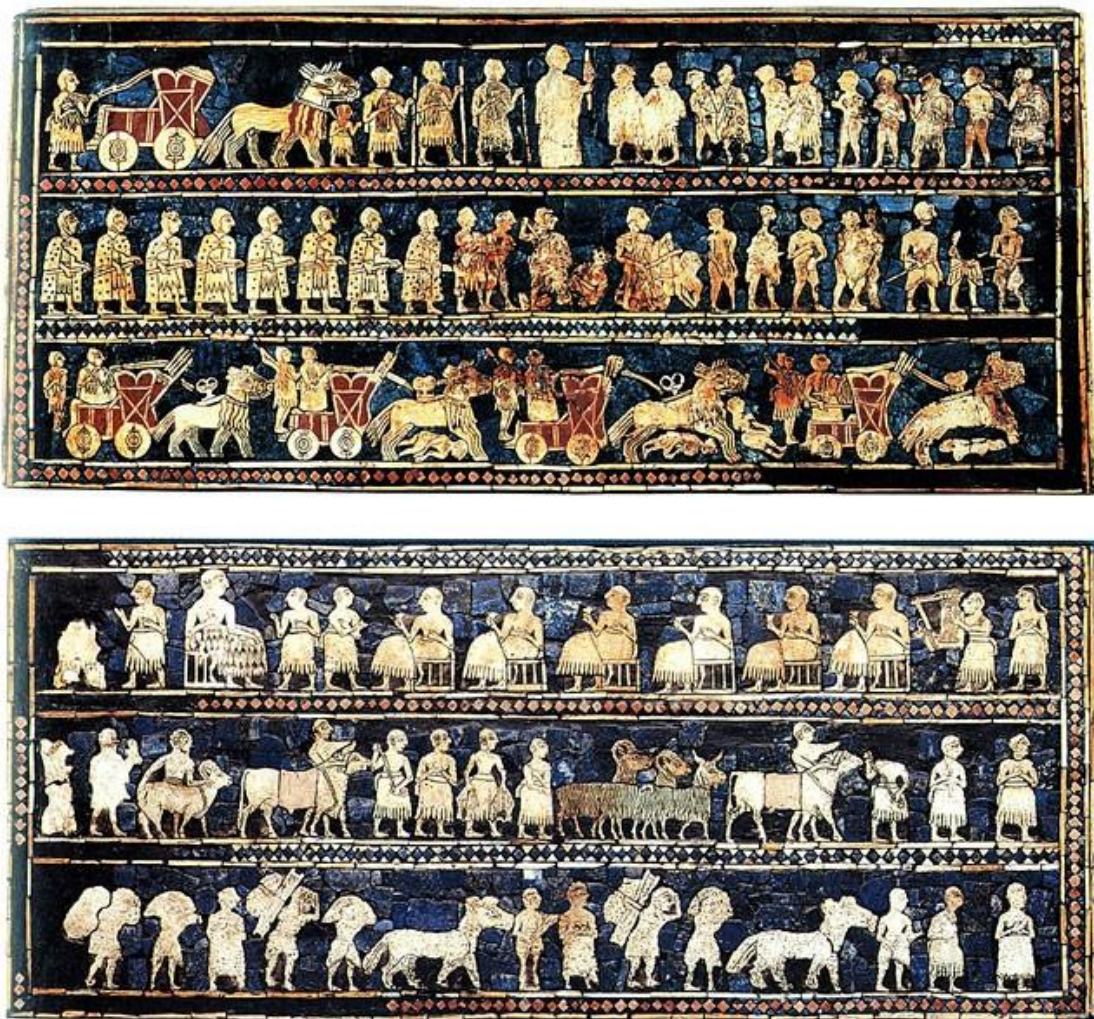


Figura 5- Arte Mesopotâmia
Fonte: <http://yonelins.tripod.com/historia/>

Em Creta, devido esterilidade relativa das terras que ocupavam, a civilização foi incitada à navegação, eram conhecidos como hábeis marinheiros. O marco principal foi o reinado de Minos, onde as lendas gregas o cristalizaram na história e serviu de patrono aos períodos que os arqueólogos distinguem na civilização egeia. O período Minoico (3000 a 1400 a.C.), é de grande destaque pois vê-se então formarem-se as técnicas e esboçar-se nas olarias o que faria a glória das idades seguintes. Os vasos chamados de “Camares” (nome da gruta onde se encontraram os primeiros exemplares), provenientes das manufaturas reais, eram um artigo de exportação muito procurado em toda a parte. A técnica do fabrico mostra-se superior: homogeneidade e finura da matéria, riqueza das cores, que o ceramista se esmera em variar, sobretudo no que toca aos vermelhos, assim como consegue também obter raros brilhos metálicos, efeitos flamejantes, cintilações preciosas.



Figura 6 - Cerâmica Minoica

Fonte: <http://sobregrecia.com/2009/04/16/la-ceramica-minoica-bella-creatividad/>

Na pintura executada a têmpera no estuque, constituía a ornamentação dos vastos palácios. Dela nos restam alguns trechos, como o Apanhador de Açafreão, o Príncipe das Flores de Lis, o Homem do Cântaro. Não se nota neles um estudo particularmente cuidado do corpo humano. O seu interesse está na harmonia decorativa, aliada a uma liberdade de que as outras civilizações antigas não tinham dado mostras.

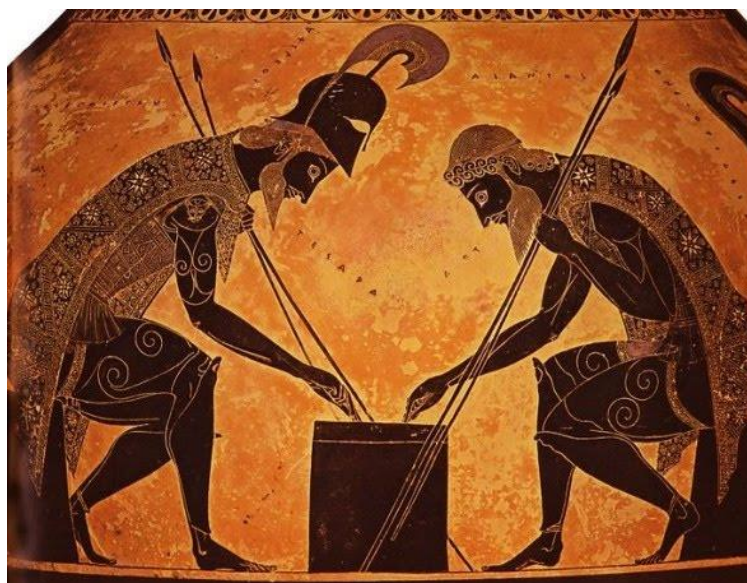


Figura 7- Pintura Minoica

Fonte: <http://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0470>

Essas mudanças técnicas e estéticas prenunciaram um dos mais ricos períodos de evolução da humanidade, o nascimento da Filosofia e o desenvolvimento da percepção e criatividade transmitidas na Arte grega.

A importância de se conhecer a **Grécia da Antiguidade** (entre 2000 a.C. e 500 a.C.) é que a herança de sua cultura atravessou os séculos, chegando até os nossos dias. Foram influências no campo da filosofia, das artes plásticas, da arquitetura, do teatro, enfim, de muitas ideias e conceitos que deram origem às atuais ciências humanas, exatas e biológicas.

Os gregos tiveram várias fontes de conhecimentos, conheceram os cretenses, que eram excelentes navegadores e tiveram contato com os egípcios, famosos nos nossos dias pelo complexo domínio de conhecimentos técnicos que possuíam e por sua organização social. Por fim, a influência dos fenícios também foi muito importante na cultura grega. Os fenícios foram o povo, naquela parte do planeta, que havia inventado o alfabeto cerca de 1.000 anos a.C. Esse alfabeto foi aperfeiçoado pelos gregos, que por sua vez deu origem ao alfabeto latino, inventado pelos romanos. Como se sabe, a língua portuguesa, que falamos, tem origem latina.

Embora tivessem muitas influências, um aspecto difere a arte grega das outras civilizações é o lugar que a arte ocupou na vida desse povo. Ao contrário de outros povos, os gregos não restringiram o desenvolvimento de sua arte a um único aspecto de suas vidas (como a religião) e nem atrelou a mesma aos interesses de um único grupo social. Uma das mais interessantes características da arte grega é a preocupação em se pensar e retratar as ações humanas. Com isso os gregos estabelecem a exploração de temáticas que singularizam o aparecimento do homem nas artes, a escultura e a pintura grega, reforçam ainda mais esse traço humanístico ao promover o desenvolvimento de técnicas que reproduziam o corpo com grande riqueza de detalhes. Essa busca pela perfeição estética reflete no campo das ideias, buscar a essência do belo, compreender o belo refletido na representação humana nas linguagens artísticas. A Arte e o pensamento estético caminham trilhando em paralelo no descerramento da criação, da natureza e do potencial humano.

No âmbito das artes cênicas, os gregos fundaram gêneros que até hoje organizam as várias modalidades do teatro contemporâneo.

Tão interessante como a observação da arte grega, podemos também notar que elementos estéticos ainda influenciam a arte contemporânea. Movimentos como o Renascimento, o Iluminismo e o Classicismo tiveram grande preocupação em retomar e refletir à luz dos referenciais lançados pelos gregos. De tal forma, é inegável que o legado artístico grego ainda tenha grande utilidade para se pensar o tempo presente.

Durante o período arcaico a pedra tornou-se o material mais utilizado, comum nas simples estátuas de rapazes (Kouros) e de moças (Korés) e ainda refletiam a influência externa.

Durante essa fase, os escultores gregos desenvolveram a representação da figura humana, tornando-a mais realista. Iniciou-se a preocupação com os detalhes do corpo e das vestimentas.

Mas é possível notar no "kouros", masculino, o início da definição dos músculos, as pernas separadas e um esboço de movimento.



Figura 8- Período Arcaico da Arte Grega

Fonte: <http://educacao.uol.com.br/artes/arte-na-grecia-antiga-2-o-periodo-arcaico-700-ac-a-490-ac.jhtm>

O apogeu da **escultura** ocorreu no período clássico, durante o século V , quando as obras ganharam maior realismo, procurando refletir a perfeição das formas e a beleza humana, e posteriormente ganharam dinamismo, como se percebe no Discóbolo de Miron. O movimento eclode da pedra, a anatomia salta da pedra com suavidade, o corpo ganha expressão e marca uma nova dimensão artística, uma fronteira que ultrapassa o limite da pedra e alcança o limite do criar, produzir realidades que beiram o trabalho da natureza. Um passo que acende no homem a superação dos limites. Transgredir o limite no esporte, buscando redefinição física para ações de força, transgredindo o limite das ideias, abrindo a infinitude do conhecimento, transgredindo o poder da criação, onde através da Arte abre o portal da linguagem representativa, materializando ideias perenes, tendo o belo como essência e a matéria universal como campo de ação.



Figura 9- Discóbolo

Fonte: <http://www.confef.org.br/extra/conteudo/default.asp?id=26>

Na escultura esses princípios podem ser observados com toda a nitidez: estátuas de homens e deuses em diferentes poses, atletas em pleno movimento e mulheres com vestes esvoaçantes, soltas ao vento, enfeitam templos e sepulturas. Os templos clássicos, erguidos desde as primeiras décadas tinham dimensões cada vez mais monumentais. A fama do *Parthenon*, erguido pelos atenienses em sua acrópole em homenagem à deusa Atena, perdura até o presente. O planejamento racional das cidades, chamada atualmente de "urbanismo", tornou-se cada vez mais comum. Poucas pinturas em painéis sobreviveram; já os mosaicos chegaram até nós em razoável quantidade. A pintura em cerâmica com a técnica "de figuras vermelhas" e as cenas desenhadas sobre fundo branco tornaram-se muito populares. O trabalho em metal teve um desenvolvimento sem precedentes, e numerosas estátuas de bronze de diversos tamanhos.

Uma curiosidade: na tradição greco-romana não existia diferença entre os conceitos de arte e técnica. Tanto em grego como em latim, a mesma palavra era utilizada para o trabalho em escultura, olaria, joalheria, pintura. O mesmo termo significava técnica, habilidade, uma espécie de conhecimento técnico e também estava associado ao trabalho, à profissão.

A filosofia é um saber específico e tem uma história que já dura mais de 2.500 anos. Mas a filosofia não é compreendida hoje apenas como um saber específico, mas também como uma atitude em relação ao conhecimento, o que faz com que seus temas, seus conceitos e suas

descobertas sejam constantemente retomados. A história da filosofia coloca em perspectiva o conhecimento filosófico e apresenta textos e autores que fundamentam nosso conhecimento até hoje.

Todo esse processo demonstra como ocorreram frequentes intercâmbios entre os povos ao longo da história da humanidade, embora muitos conhecimentos e invenções tenham se perdido ou deixado de fazer sentido quando essas civilizações desapareceram.

Por fim, no século 1 a.C., foi a vez dos romanos chegarem à Grécia antiga, conquistando-a. Ainda que Roma tenha incorporado a maior parte dos valores gregos, inaugurando a cultura greco-romana, os povos gregos da Antiguidade não conseguiram mais obter sua autonomia política e assim foram, ao longo dos séculos, desaparecendo. Assim, muito do que se sabe hoje sobre a arte grega chegou por meio dos objetos produzidos (e copiados) pelos romanos, que receberam uma profunda influência da cultura grega. A princípio as manifestações artísticas estavam circunscritas à cidade de Roma, presas à sua herança etrusca, mas aos poucos se expandiram pela Itália e pelo Mediterrâneo. Ecléticas por natureza, pela sua expansão geográfica e por colecionar diversas colônias, a arte romana tem como principal característica a diversidade de estilos. Ao contrário de outros povos, que retratavam seus imperadores, os romanos procuravam representar todos os habitantes do amplo Império, desde a classe média até os próprios escravos. Com o reconhecimento da religião cristã, o paleocristianismo (produção artística realizada por ou para cristãos, durante a ascensão do Império Romano) passa a ocupar o lugar das manifestações que o precederam.

A língua romana era o latim, que depois de um tempo espalhou-se pelos quatro cantos do império, dando origem, na Idade Média, ao português, francês, italiano, romeno e espanhol (línguas neolatinas).

Ocorreram muitos avanços na área da arquitetura, através das ruínas de edifícios públicos e privados da Roma Antiga, pode-se ter uma ideia da influencia de outras culturas, verifica-se uma mistura de elementos gregos e etruscos. Edifícios como, por exemplo, os anfiteatros, eram decorados com colunas que obedeciam às tradicionais ordens gregas: dórica, jônica e coríntia. A arquitetura romana era essencialmente utilitarista, mais prática e menos voltada para os ideais gregos de beleza; grandiosa, transpirava força, sentimento e originalidade. Exemplos arquitetônicos desse período eram os anfiteatros, templos, ginásios, circos, teatros, termas e basílicas, todos caracteristicamente funcionais e sociais.

Na pintura, da qual restam hoje poucos exemplares, encontrados em grande parte nas cidades de Pompéia e Herculano, soterradas pela erupção do Vesúvio em 79 a.C. Nas ruínas destas cidades encontram-se principalmente vestígios de uma pintura mural.

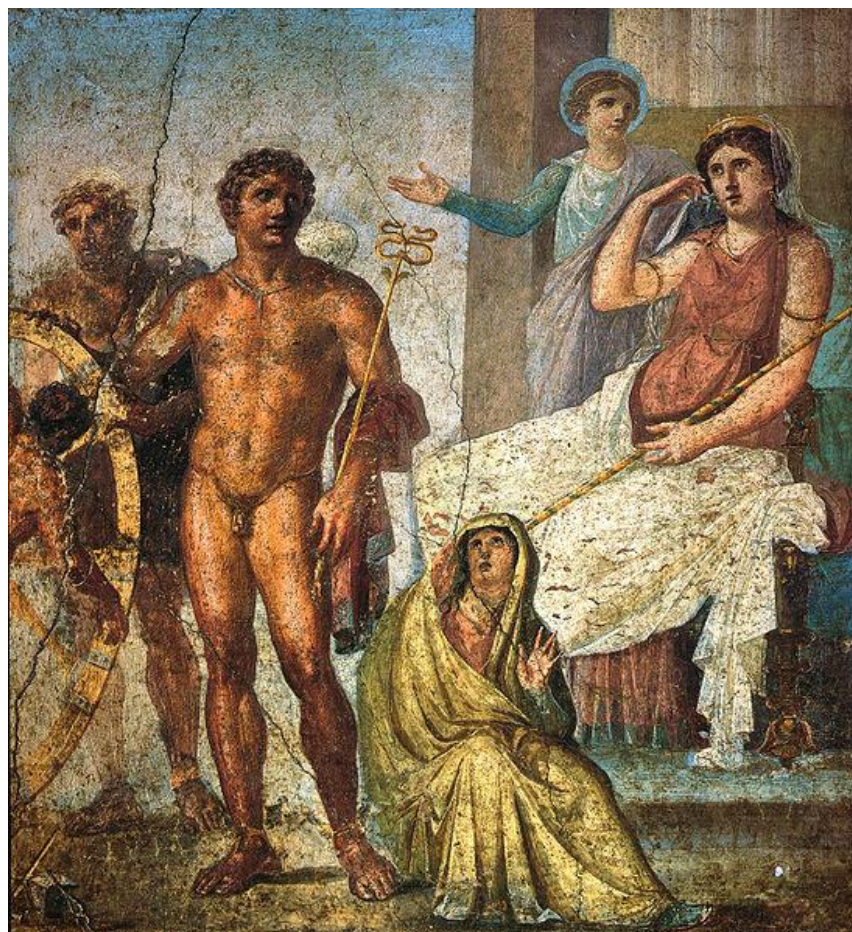


Figura 12- Pintura na Roma Antiga

Fonte: <http://antigaroma.webs.com/apintura.htm>

A escultura romana ficou conhecida principalmente por seus retratos, realistas e práticos. Eles decoravam edifícios públicos e privados, que muitas vezes eram apenas uma base grandiosa para estas esculturas. Arcos edificadas por todo o império destacavam-se entre os monumentos mais importantes. Embora muitos não tenham sobrevivido, tinham como função servir de ponto de apoio para estátuas construídas em honra a personagens importantes da época.

A Arte invadia a vida das pessoas desde o interior dos imóveis tanto quanto nas suas construções de palácios a residências comuns. A arte era uma referência das ações, cercava as atitudes e refletiam um novo tempo. O belo estava inserido nas ações e na vida em geral.



Figura 13- Escultura Romana

Fonte: <http://www.tedio.org/arte-romana>

Os mosaicos romanos, presentes por todo o Império Romano, com fins claramente decorativos, cores vivas e intensamente duráveis, prevaleceram sobre a pintura, exatamente por estar imbuído destas características. As técnicas artísticas se multiplicavam, os materiais se diversificavam, mas as ações estavam sempre voltadas para o domínio do inusitado.

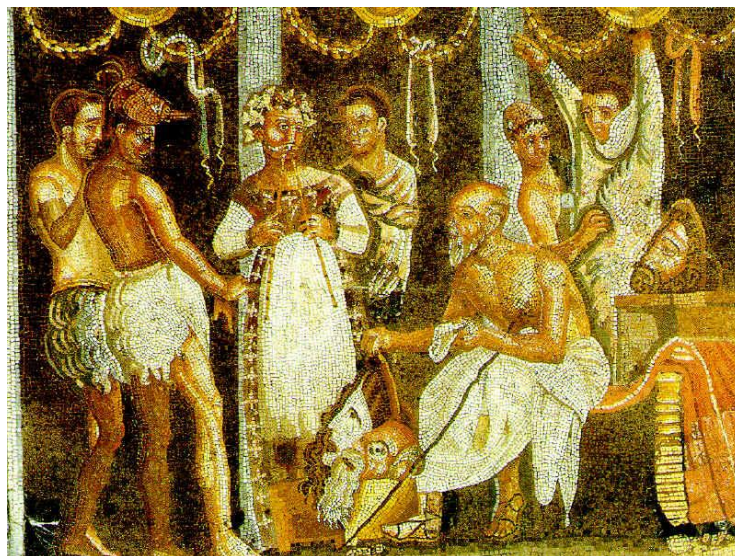


Figura 14- Mosaico Romano

Fonte: <http://www.diretoriodearte.com/mosaico/mosaico-romano/>

Na sequência histórica, outro processo evolutivo do conhecimento humano de grande relevância, tanto na Arte como na Ciência, acontece no período conhecido como Renascimento. Foi no Natal de 800, data em que o Papa Leão III coroou Carlos Magno, investindo o rei franco da suprema autoridade temporal sobre os povos cristãos do Ocidente, se deu início ao que alguns historiadores apelidam de renascimento carolíngio.

O termo renascimento, ou renascença, faz referência a um movimento intelectual e artístico surgido na Itália, entre os séculos XIV e XVI, e daí difundido por toda a Europa. A ideia de um renascimento ocorrido nas artes e na cultura relaciona-se à revalorização do pensamento e da arte da Antiguidade clássica e à formação de uma cultura humanista

Nesse período foram criadas escolas em mosteiros, conventos e abadias, presididas por um eclesiástico (scholasticus), dependente diretamente do bispo, daí o nome de escolástica dado à teologia católica a partir do século IX. Definiram-se disciplinas curriculares, as “artes liberais” que compreendiam o trivium (Gramática, Retórica e Lógica) e o quadrivium (Aritmética, Geometria, Música e Astronomia/Astrologia). Carlos Magno fundou ainda na corte imperial a chamada Escola Palatina, precursora das Universidades que começaram a surgir na Europa a partir do século XII.

Mas foi a arte e não as universidades a grande impulsionadora da transição cultural renascentista, arte que foi indissociável dos avanços no pensamento científico e na prática tecnológica. De fato, os pintores e escultores renascentistas, investigaram novas soluções para problemas visuais em busca da técnica perdida, a perspectiva, e muitos artistas foram simultaneamente matemáticos. Por exemplo, aquele que alguns autores consideram um dos mais importantes matemáticos do séc. XV, Piero della Francesca, é mais conhecido como um dos pintores marcantes desta época (1416-1492) escreveu um Trattado d'Abaco, um livro sobre perspectiva, De Prospectiva Pingendi e um livro sobre poliedros regulares, De Corporibus Regularibus.

Uma das maiores características da Renascença é a multidisciplinaridade e a fusão da arte com a ciência. Os desenvolvimentos do desenho, da perspectiva e do estudo das proporções, nos trabalhos de Leonardo da Vinci (1452-1519), Albrecht Dürer (1471-1528) e do flamengo Andreas Vesalius (1514-1564), grandes nomes da Renascença.

Albrecht Dürer foi a figura central da renascença alemã e um dos grandes teóricos renascentistas, considerava que a nova arte deveria basear-se na ciência - em particular na matemática, como a mais exata, lógica e impressionantemente construtiva das ciências e que a Geometria é o verdadeiro fundamento de toda a pintura. Dürer escreveu Geometria e

Perspectiva (1525), Tratado sobre as Fortificações (1527), e os Quatro livros das Proporções do Corpo Humano (De Symmetria Partium in Rectis Formis Humanorum Corporum), publicado seis meses após sua morte.

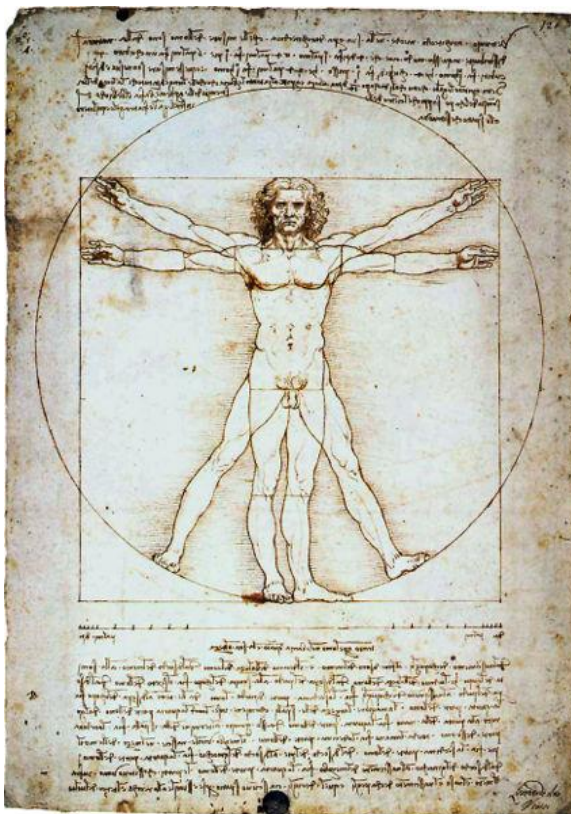


Figura 15- De Symmetria Partium in Rectis Formis Humanorum Corporum

Fonte: <http://dererummundi.blogspot.com.br/2007/06/cincia-e-arte-ii.html>

Mas a figura marcante desta época é Leonardo da Vinci, com uma obra que reflete a harmonização entre a arte e a ciência, foi quem iniciou os primeiros estudos anatômicos. Leonardo é célebre por seus escritos, pelos retratos e pela invenção da técnica do sfumato, em que se vale da justaposição matizada de tons e cores diferentes, de modo que se aproximem, "sem limites ou bordas, à maneira da fumaça", nas palavras do próprio artista. Com isso Leonardo logra suavizar os contornos característicos da pintura do início do século XV, revelando as potencialidades da tinta a óleo. No período florentino, entre 1500 e 1506, realiza os célebres Mona Lisa, a pintura mural da Batalha de Anghiari (Pallazio Vecchio, Florença) destruída e preservada em cópias feitas por outros artistas, que influenciará os pintores de batalhas até o século XIX, e A Virgem e o Menino com Sant'Ana, tratando de tema que o

fascinava na época. O sorriso enigmático, as sombras, o dedo indicador elevado e as fartas cabeleiras são traços salientes dos retratos de Leonardo, repetidos pelos seguidores.

Leonardo da Vinci se destacou por sua atuação no campo da Arte, nas invenções revolucionárias e experimentos científicos.

Na renascença a Igreja exercia um grande poder, as autoridades condenavam os experimentos científicos como subversivos, encarando qualquer ataque à ciência de Aristóteles como um ataque à própria Igreja. Leonardo da Vinci rompe com essa tradição e cem anos antes de Galileu e Bacon, desenvolveu sozinho, uma nova abordagem empírica de ciência, que compreendia a observação sistemática da natureza, o raciocínio lógico e algumas formulações matemáticas, as principais características do que hoje é conhecido por método científico.

Para Leonardo, a pintura por meio de especulações sutis e filosóficas considera todos os atributos das formas. E é de fato ciência, filha legítima da natureza, porque a pintura foi gerada por ela, a pintura era tanto arte como ciência, uma ciência das formas naturais, dos atributos, completamente diferente da ciência mecanicista que surgiria dois séculos depois. Durante sua vida, estudou, desenhou e pintou as rochas e os sedimentos da Terra, modelados pela água; o crescimento das plantas, determinado pelo seu metabolismo e a anatomia animal (e humana) em movimento. E é de fato ciência, filha legítima da natureza, porque a pintura foi gerada por ela.

Nesses períodos, os problemas com os quais ele se debateu foram revistos com graus de sofisticação cada vez maiores, à medida que os cientistas avançavam na compreensão da estrutura da matéria, das leis da química e do eletromagnetismo, das biológicas celulares e moleculares, da genética, e do papel crucial da evolução no desenvolvimento das formas de vida (Capra, 2008).

A atuação de Leonardo abrange várias áreas do conhecimento, que sem dúvida impulsionaram o desenvolvimento da humanidade, a mente de um artista com seu ímpeto de conhecimento girou a roda da ciência em muitos aspectos.

Leonardo também desenvolveu uma teoria detalhada sobre o modo como as impressões sensoriais entram na consciência. Foi vago sobre como exatamente os impulsos nervosos sofrem a influência do intelecto, da memória e da imaginação, atenuando a relação entre experiência consciente e processos neurológicos. Contudo, mesmo hoje, os principais neurocientistas não conseguem fazer melhor.

Que Leonardo tenha sido capaz de desenvolver uma teoria sofisticada e coerente da percepção e do conhecimento baseado em evidências empíricas, mas sem nenhum

conhecimento de células, moléculas, bioquímica ou eletromagnetismo é decerto extraordinário. Muitos aspectos de suas explicações tomaram-se mais tarde disciplinas científicas separadas, incluindo óptica, anatomia craniana, neurologia, fisiologia do cérebro e epistemologia. Durante a última década do século XX, esses assuntos começaram a convergir novamente dentro do campo interdisciplinar da ciência cognitiva, mostrando admiráveis similaridades com a concepção sistêmica de Leonardo dos processos de conhecimento (Capra, 2008).

Algumas obras de Michelangelo Buonarroti (1475-1564) exemplificam a realização do modelo clássico, seja nos estudos de anatomia para composições maiores, seja em esculturas, como o célebre Davi (1501/1504), ou ainda nos grandes projetos arquitetônicos, com edificações reconhecidas como exemplos de obras de Arte e patrimônio da humanidade. As imagens de Rafael (1483-1520), por sua vez, dão plena expressão aos valores da arte renascentista. Os desenvolvimentos das pesquisas científicas, por sua vez, fornecem subsídios para a produção de novos métodos e técnicas. A perspectiva, impulsionada por Filippo Brunelleschi (1377-1446) e descrita por Leon Battista Alberti (1404-1472) no tratado *Della Pittura* (1435), altera de modo radical os modos de representação e as concepções de espaço. A nova ciência da perspectiva é colocada em prática por uma série de artistas. Masaccio (1401-1428) é considerado exímio na aplicação das conquistas científicas à arte da representação.

Esta é uma época onde os artistas estão diretamente envolvidos no avanço científico, que transformou de forma significativa o destino da humanidade. Outras fases que se seguiram repercutem o modelo fundamentado nesta fase, sendo aprimoramentos e desmembramentos de segmentos científicos e tecnológicos, com as características do acompanhamento da Arte sempre presente em todas as atividades do desenvolvimento do pensamento humano.

Modernismo, pós-modernismo e período Contemporâneo, são fases seguintes de grandes reestruturações sociais, onde o capitalismo e os processos de comunicação de massa formatam a indústria cultural e regem as regras do pensamento atual, diluem-se as culturas através da globalização e quebram-se as barreiras do individualismo através das redes sociais.

A modernidade costuma ser entendida como um ideário ou visão de mundo relacionada com ruptura com a tradição herdada o estabelecimento da autonomia da razão, o que teve enormes repercussões sobre a filosofia, a cultura e as sociedades ocidentais. O projeto moderno consolida-se com a Revolução Industrial e está normalmente relacionado com o desenvolvimento do capitalismo. Modernidade tem suas origens, no plano econômico, ligadas ao advento da máquina a vapor que impulsionou o capitalismo e, no plano das ideias, à Filosofia

das Luzes que, difundida a partir do século XVIII, pregava o desenvolvimento moral e material do homem pelo conhecimento.

Adorno e Horkheimer em 1947 através dos trabalhos da Escola de Frankfurt criaram o conceito de "indústria cultural". Para eles não se trata apenas de constatar a existência do capital atuando "na indústria do entretenimento", mas do exercício de controle do período de lazer - o controle do tempo livre - em que "produtos culturais" são postos à disposição dos "consumidores" para mantê-los alerta e treinados. A arte, neste sentido, não só se torna integralmente mercadoria, mas também eficiente mecanismo de controle social.

Conclusões

A Arte como um campo de conhecimento, sempre esteve ao lado e com outros ramos do conhecimento humano, em algumas fases da história, a Arte foi intencionalmente direcionada por determinadas forças de poder, onde os artistas eram usados como instrumentos de mecanismos organizados de dominação social. Porém sempre foi determinante como canalização da liberdade de pensamento e expressividade na perspectiva do novo, estando sempre à frente da própria compreensão da humanidade e imprescindível na criação de sentidos, se espalhou naturalmente em todas as civilizações, e foi integrada ao fazer humano.

Arte dentro do processo educacional é um tema importante, está relacionada com a construção do cidadão, na compreensão da natureza e na compreensão da própria existência, é um elemento preponderante na inter-relação entre a história do homem, na sua solidificação social, na compreensão sógnica do mundo, na formação do sensível e do cognitivo, é parte do processo de domínio do físico e mental na descoberta dos gestos para construção alfabética, princípio primeiro para desvendar o universo, é a formação do próprio "ser", na busca de definição de novos caminhos na direção de uma sociedade mais harmônica e equilibrada.

Referências

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. *Apostila de Arte –Artes Visuais*. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007. 59 p.: il.

BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. 11.ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

CAPRA, F. *A Ciência de Leonardo da Vinci: um mergulho profundo na mente do grande gênio da Renascença*. São Paulo: Cultrix, 2008.

CLOTES, J. *Cave art*. London: Phaidon Press Limited, reprinted 2013.

CURY, V. C. S. *Relações entre a neurociência e o ensino e aprendizagem das artes plásticas*. Dissertação de Mestrado, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Capturado em 12 novembro de 2011, em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-23072009-204411/>

FISCHER, Ernst. *A Necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GALIMBERTI, U. *Rastros do Sagrado*, São Paulo: Paulus, 2003.

GAZZANIGA, M.S. *Neurociência cognitiva a biologia da mente*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GONZÁLEZ SANZ, César e CACHO TOCA, Roberto, *El Castillo Cave*, in www.muse.or.jp/spain/eng/cantabria/castillo/castillo_top.html.

LEWIS-WILLIAMS, D. *The mind in the cave - consciousness and the origins of art*. London: Thames & Hudson, reprinted 2009.

TABOSA, Adriana. *A perda do conceito original de arte*. Oficina Cinema-História, Copyright ©, 2005.

TATTERSALL, Ian. O fim da evolução humana: depoimento. [v. 51, ago, 2006]. Scientific American Brasil. Entrevista concedida a Giovanni Spataro. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/sciam/artigos/o_fim_da_evolucao_humana_imprimir.html>. Acesso em: 18 jun. 2012.

UNESCO. *Caverna de Chauvet na UNESCO*. Consultado em 4 de Outubro de 2012

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

FIGUEIREDO, José Glaucio Ferreira de; GONZÁLEZ, Daniel González. Arte-Educação e Aspectos históricos da Arte. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.45, p. 1079-1102. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 06/05/2019

Aceito 13/05/2019